

Corpos, tempo, literatura e história em
O som do rugido da onça (2021) de
Micheliny Verunschik e *Huaco retrato*
(2022) de Gabriela Wiener¹

*Bodies, time, literature and history in O
som do rugido da onça (2021) de
Micheliny Verunschik and Huaco retrato
(2022) de Gabriela Wiener*

<https://doi.org/10.26512/rhh.v12i23.52735>

Renata Dal Sasso Freitas

Universidade Federal do Pampa

<https://orcid.org/0000-0002-1543-2274>

renatadsf@gmail.com

¹ Esse artigo foi concebido e escrito durante um período de licença de capacitação no Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani da Universidad de Buenos Aires, na Argentina, entre abril e maio de 2023, onde fui recebida por Fabio Wasserman e no qual assisti um seminário dirigido por María Élica Blasco, muito importante para algumas das reflexões aqui desenvolvidas. A eles sou grata, bem como a Fabrício Pontin, que leu uma primeira versão deste texto, também apresentada na reunião presencial do Grupo Temporalidad - experiencias de tiempo en los siglos XVIII-XXI vinculado ao Iberconceptos - Proyecto y Red de investigación en Historia Conceptual Comparada del Mundo Iberoamericano em outubro de 2023, na PUC-Rio.

Resumo

Este ensaio tem por objetivo analisar os romances *O som do rugido da onça* (2021), de Micheliny Verunschck, e *Huaco retrato* (2022), de Gabriela Wiener, no que diz respeito à sua mobilização da imagem de crianças indígenas enquanto alegorias de uma história impossível de ser narrada. Tratando do legado de dois viajantes-exploradores europeus do século XIX — Carl Phillip von Martius e Charles Wiener —, ambas as novelas tensionam as possibilidades de representação do genocídio indígena pelas vias tradicionais das ciências humanas e buscam formas de reparação pela via da ficção. Para tanto, analiso as duas obras através do prisma das proposições teóricas dos campos pós e decolonial, assim como com a proposta de fabulação crítica de Saidiya Hartman.

Palavras-chave

Literatura latino-americana; reparação histórica; genocídio ameríndio

Abstract

This essay aims to analyze the novels *O som do rugido da onça* (2021), by Micheliny Verunschck, and *Huaco Retrato* (2022), by Gabriela Wiener, in what concerns the mobilization of the image of indigenous children as allegories of a history impossible to be narrated. In dealing with the legacies of two nineteenth-century travelers-explorers — Carl Phillip von Martius and Charles Wiener —, both novels tensionate the possibilities of representing the amerindian genocide through the traditional resources of the human sciences and look for forms of reparation through fiction. For this end, I make a reading of both these works through the prism of the theoretical propositions of the post and decolonial field, as well as the notion of “critical fabulation” created by Saidiya Hartman.

Keywords

Latin-american literature; historical reparation; Amerindian genocide

Publicados recentemente, os romances *O som do rugido da onça* (2021), da brasileira Micheline Verunschik, e *Huaco retrato* (2022), da peruana Gabriela Wiener, apresentam, cada um a seu modo, questionamentos às narrativas historiográficas e à literatura, ao tratar, através da imagem de crianças indígenas, diferentes dimensões do genocídio ameríndio no que tange a sua temporalidade e aos sentidos atualmente atribuídos à história. Como demonstrarei neste ensaio, esses questionamentos são resultado das relações que determinados grupos sociais têm estabelecido com o tempo e com a disciplina histórica na contemporaneidade, principalmente em torno de experiências traumáticas, em que a história em específico adquire uma dimensão de reconhecimento e reparação.

Acredito que, conforme as questões colocadas por Mario Ruffo à história enquanto campo disciplinar e seu vínculo com a criação dos Estados-nacionais, *O som do rugido da onça* e *Huaco retrato* podem ser lidos como parte desse contexto de ressignificação das nações, agudizada nas primeiras décadas do século XXI, de modo a contemplar grupos antes delas alijados². Também destaco aqui os processos de juízos e medidas reparatórias — que vão de julgamentos, comissões especiais e pedidos públicos de desculpas — que têm marcado as relações que os Estados e determinados grupos têm mantido com o passado e, conseqüentemente, com a história e a memória. As implicações desses processos nas formas de nos relacionamos com o tempo têm sido amplamente exploradas por Berber Bevernage.³

Ambas as obras abordam, ainda que com economias internas e propostas narrativas distintas, o espólio colonial pela via do que então eram duas ciências auxiliares da história — a etnografia e a arqueologia — através da atuação de dois autores europeus de relatos de viagens ao continente sul-americano: o bávaro Carl Philipp von Martius (1794-1868) e o franco-austriaco Charles Wiener (1851-1913). É necessário dizer que aqui o espólio científico em geral não se limitava a artefatos, flora e fauna locais, como também incluiu o tráfico de ameríndios, muitos deles ainda crianças.

Os corpos dessas crianças, vivas ou mortas, muitas vezes eram transformados em objetos de exibição em instituições museais europeias. Aqui eles me in-

2 RUFFO, Mario. La temporalidad como política: nación, formas de pasado y perspectiva poscoloniales. *Memoria y Sociedad*, v. 14, n. 28, pp. 11-31, 2014.

3 BEVERNAGE, Berber. 'A posseidade do Passado' Reflexões sobre a política da historicização e a crise da posseidade historicista. *Revista de Teoria da História*. v. 24, n. 1, pp. 21-39, 2021

teressam também em sua dimensão metafórica de uma história apenas possível de ser contada através da via ficcional ou então através do conceito de “fabulação crítica” como proposto por Saidiya Hartman.⁴

A prática de se expor corpos em museus, corrente até meados do século XX, não era somente direcionada a alteridades racializadas. Um exemplo disso se encontra no ensaio da antropóloga argentina María José Sarrabayrouse Oliveira, que encontrou seu próprio bisavô na exibição permanente do Museo de la Morgue Judicial de Buenos Aires. Morto atropelado aos 69 anos, o imigrante espanhol teve um molde feito de seu rosto e colocado à mostra como um espécime representativo da classe trabalhadora portenha. Sua bisneta antropóloga o reconheceu, fortuitamente, de fotografias de família enquanto fazia a pesquisa de seu doutorado.⁵

Como muitos outros de seu gênero, o acervo desse museu foi ou teria sido constituído a partir de cadáveres não reclamados. Contudo, apesar do expediente de entrada do cadáver do padeiro anarquista José Oliveira indicar o contrário, sua vértebra cervical fraturada foi removida sem o conhecimento da família e foi parar no depósito da instituição. Sarrabayrouse conclui em seu ensaio que o Museo de la Morgue Judicial, como outras instituições científicas de seu tempo, reproduz a lógica de que os corpos das vítimas da violência das forças de segurança, das instâncias penais e da ciência médica, além dos “indigentes”, eram aqueles passíveis de serem exibidos, tanto vivos quanto mortos, até meados do século XX. Tais procedimentos serviam para uma gama de efeitos, o que deixa evidente a perda de estatuto desses sujeitos mediante sua passagem por instituições estatais. Não à toa Michel Foucault abre o clássico *Vigiar e punir* (1975) com a descrição de um suplício público.

Com essa digressão, sinalizo o fato de que embalsamar e expor corpos tidos como “outros” foram práticas intrínsecas ao desenvolvimento ao que chamamos “ciências”, inclusive as jurídicas, até meados do século XX. Ademais, esse hábito também toca aqueles de nós que transcendem de alguma forma o ordinário e incorporamos de forma mais aguda a máxima de que todo corpo é político. Vide Vladimir Lênin, exposto na Praça Vermelha em Moscou; o coração de D. Pedro I, conservado em formol e trazido ao Brasil para as celebrações do Bicentenário da independência em 2022; e o tortuoso processo

4 HARTMAN, Saidiya. Venus in Two Acts. *Small Axe*, Vol. 12, n. 2, pp. 1-14, 2008

5 SARRABAYROUSE OLIVEIRA, María José. El Museo de la Morgue Judicial: historias de guardiannes, expedientes y apropiaciones. *Corpus* (online), Vol. 10, n. 1, 2020

envolvendo o corpo de Eva Perón, embalsamado, sequestrado, oculto por vinte anos, e hoje sepultado no Cemitério da Recoleta.

Ainda me atendo a exemplos argentinos, no final do século XIX, os indígenas que sobreviveram à chamada Conquista del Desierto promovida pelo governo de Julio Argentino Roca foram trasladados ao Museo de La Plata, onde foram tratados como espécimes a serem estudados e fotografados. Depois de mortos, esses indivíduos também tiveram partes de seus corpos inseridos na coleção, como foi o caso da indígena alacaluf Tafa.⁶

Desde o século XIX, as disciplinas científicas — em especial as chamadas humanidades — foram reformuladas e ganharam distintos espaços institucionais, sendo interpeladas principalmente em relação aos limites do empirismo e às possibilidades da objetividade. Ao final do século XX, contudo, acompanhando os processos de descolonização da África e Ásia e das lutas por libertação de diferentes grupos sociais considerados minoritários no Ocidente, questionamentos de ordem epistemológica se impuseram pela via de categorias como gênero e raça e por teorias agrupadas sob os termos pós e decolonial.

Parte desses questionamentos atinge as instituições museológicas, centrais aos romances aqui analisados, e que, até recentemente, ostentavam em suas coleções corpos sem o sepultamento apropriado ou, ainda, objetos cerimoniais descontextualizados. Tais procedimentos fazem parte da violência silenciosa e travestida de boas intenções que foi o espólio dito científico, chamado por Mary Louise Pratt de “anti-conquista”. Isto é, “*as estratégias de representação por meio das quais os agentes burgueses europeus procuram assegurar sua inocência ao mesmo tempo em que asseguram a hegemonia europeia*”.⁷ Hoje em dia, movidas pelos mesmos questionamentos que orientam os dois romances, muitas instituições estão sendo levadas a devolver corpos e objetos de seus acervos aos países ou comunidades de origem.

Parte deste contexto específico comum ao âmbito acadêmico e ao mercado editorial, em torno de debates de questões de gênero, de etnia e do papel da colonização e do imperialismo nos últimos séculos, os romances de Veruns-

6 TELLO WEISS, Mariana. Huellas y espejos. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/interior/archivo-general-de-la-nacion/bicentenario/inspiraciones/huellas-espejos>

7 PRATT, Mary Louise. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação. Trad. Jézio Hernani Bomfim Gutierrez. Bauru: EDUSC, 1999, p. 32

chk e de Wiener propõem, a meu ver, ressignificações nas histórias ditas nacionais. Tratam, ademais, da constituição das próprias disciplinas das ciências humanas tais como estabelecidas na América do Sul mediante a atuação de letrados europeus. Para elucidar como a imagem da criança indígena é em específico mobilizada como representação de uma história a ser recuperada pela via da ficção, pretendo aqui repensar o uso variado dos corpos — principalmente de crianças — vivos e mortos como repositório de significados em torno da história e da ideia de civilização.

Pretendo também refletir a respeito do quanto estes corpos ainda são atravessados por categorias criadas no oitocentos pelos letrados que figuram nos enredos das duas obras e pela ausência destes corpos da documentação que, pelos preceitos disciplinares, serve de instrumento ao trabalho do historiador. Creio que fazer tal movimento é, atualmente, tão profícuo quanto necessário, sobretudo quando entendemos a associação hoje do conceito de história à ideia de reparação quando relacionada aos traumas sofridos por distintas minorias étnicas. Estes traumas são, pelos preceitos da disciplina histórica, muitas vezes alocados ao passado quando se pode constatar, através de leituras teóricas distintas a respeito da temporalidade, que seguem emergindo no presente.

Tudo isso vem ao encontro de uma das ambições de muitos historiadores e literatos do século XIX: fazer os mortos falarem, hoje reconfigurados para também incluir aqueles antes silenciados.

O ensaio a seguir está dividido em duas partes. Primeiramente irei me deter nos enredos dos romances em si e como dizem respeito a um estranhamento com o tratamento dado a corpos de alteridades desde o encontro dos Europeus com os ameríndios, ocasionando, no presente, um processo de ressignificação da história. A seguir, abordarei o vínculo desse estranhamento à representação das crianças indígenas nos romances abordados, sua relação com o conceito moderno de história⁸ e com a construção, na contemporaneidade, de proposições teóricas que questionam sua teleologia e seus limites documentais.

8 KOSELLECK, Reinhart. A configuração do moderno conceito de história. In: KOSELLECK, et. al. O conceito de história. Trad. René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, pp. 119-222.

Crianças que não estão

Huaco retrato, romance da peruana Gabriela Wiener começa com um passeio em um museu parisiense. A jornalista descreve a sensação de enxergar seu próprio “perfil incaico” misturado aos artefatos em exposição, até o momento em que se depara com uma vitrine vazia. O objeto ausente é a tumba de uma criança indígena e sua falta é justamente o que a põe em alerta: “*si no fuera porque vengo de un territorio de desapariciones forzadas, en el que se desentierra pero sobre todo se entierra en la clandestinidad, tal vez esa tumba invisible detrás del cristal no me diría nada*”.⁹

Além de sua familiaridade com os objetos em disposição — com um sentimento de propriedade sobre eles, há algo mais, expresso na vontade de “*reclamarlo todo como mío y pedir que me lo devuelvan en nombre del Estado peruano, una sensación que se vuelve más fuerte en la sala que lleva mi apellido y que está llena de figuras de cerámica antropomorfas y zoomorfas de diversas culturas prehistóricas de más de mil años de antigüedad*”.¹⁰

Suposto tataravô da jornalista, o arqueólogo e diplomata austríaco Charles Wiener deve sua fama principalmente a uma expedição ao Peru e à Bolívia entre os anos 1875 e 1877, que rendeu achados que hoje integram a coleção do Musée Ethnographique de Paris, assim como por *quase* ter descoberto Machu Picchu. Contudo, Gabriela Wiener não se detém apenas no parente longínquo: usa-o de mote para repensar sua relação com sua etnia, a história, sua vida na Europa e principalmente com seu pai, o também jornalista, escritor e militante de esquerda Raúl Wiener, falecido em 2015.

Ademais da exploração de suas relações e ficções familiares, o espólio de crianças tanto vivas como mumificadas cobra força ao longo do relato de Wiener principalmente por uma passagem de um dos muitos livros publicados por seu antepassado, *Pérou et Bolivie: Récit de voyage suivi d'études archéologiques et ethnographiques et notes sur l'écriture et les langues des populations indiennes*, de 1880, que Gabriela lê traduzido ao espanhol da biblioteca de seu pai.

Ali, o arqueólogo austríaco afirma ter comprado um menino indígena com o objetivo de levá-lo à Europa para civilizá-lo.

O enredo de *Huaco retrato* consiste, portanto, no entrecruzamento da ida da narradora a Lima para sepultar o pai e lidar com as consequências de sua

9 WIENER, Gabriela. *Huaco retrato*. Buenos Aires: Random House, 2022, 14

10 WIENER, Gabriela. *Huaco retrato*. Op. Cit., p. 11.

morte — entre elas, com a amante e a meia-irmã que ele também deixou —, e sua relação com a família que deixa para trás na Espanha, composta por seu marido, sua mulher e uma filha pequena. Através das histórias de origem confabuladas pelos Wiener peruanos e das ficções da vida dupla de seu pai, Gabriela fabula literariamente a vida de Charles, retornando à França e recebendo os louros por suas descobertas científicas, entre elas a Légion d'Honneur. Tangencialmente, há a tentativa de se conjurar a figura de Juan, menino indígena subtraído do Peru e levado a Paris. A meu ver, isso se traduz em um desejo de reparação aos traumas ocasionados pelo processo de colonização do Peru.

*Jamás escuché de un niño comprado, o debería decir robado por Wiener, no sé por qué no lo mencionaron ni mi tío historiador, ni mi padre, ni está en ninguna de las biografías a mi alcance. Es apenas una nota a pie de página de su largo periplo. No lo sabían o no le dieron importancia. La sola existencia hipotética o real de Juan desencadena una lluvia de imágenes de vidas posibles, propias y ajenas, en el horizonte.*¹¹

Recriar crianças indígenas, encontrar o não-encontrável e reparar o irreparável é também o mote de *O som do rugido da onça*, que tem como ponto de partida a expedição dos naturalistas bávaros Johann Baptist von Spix e Karl Philipp von Martius ao Brasil em 1817. A viagem fez parte dos arranjos matrimoniais entre D. Pedro de Orleans e Bragança e de Dona Maria Leopoldina da Áustria. Além de coletarem uma grande quantidade de espécimes de animais e plantas brasileiros, os bávaros também levaram consigo de volta para Munique duas crianças indígenas — uma menina e um menino — que vieram a falecer logo depois de chegar à Europa.

Essa prática, já comum desde que os primeiros europeus invadiram diferentes pontos do continente entre o final do século XV e o início do XVI, aqui se encontrava em consonância com o desenvolvimento dos paradigmas científicos ocidentais em diferentes fases.

¹¹ WIENER, Gabriela. *Huaco retrato*. Op. Cit., p. 55, grifo meu

Assim como o livro de Wiener, o romance de Verunschik tensiona a impossibilidade de se acessar verdadeiramente essas histórias a partir da subjetividade das duas crianças, cujas vidas não apenas foram breves, como também resultaram em escassos indícios documentais, ao contrário de outros casos mais notáveis¹². Por meio de uma personagem contemporânea, Josefa, uma migrante paraense em São Paulo, *O som do rugido da onça* também explora os limites do pertencimento dos descendentes desse espólio no Brasil do século XXI, o que igualmente se aplica à narradora de *Huaco Retrato*, que dá o mote do significado que a História ganha nas duas obras:

*Todos tenemos un padre blanco. Quiero decir, Dios es blanco. O eso nos han hecho creer. El colono es blanco. **La historia es blanca y masculina.** Mi abuela, la madre de mi madre llamaba a mi padre, al marido de su hija <<don>> porque ella no era blanca sino chola. Me resultaba rarísimo oír a mi abuelita tratando con ese excesivo e inmerecido respeto a mi papá. <<Don Raúl>> era mi padre.*¹³

Para além das crianças ameríndias transformadas em objetos do saber científico oitocentista e que aqui representam os silêncios, as perdas e os não-ditos da formação de instituições que até hoje são lugares legitimados de enunciação de saber, ambos os romances também tratam dos “entre-lugares”¹⁴ habitados por mulheres de ascendência indígena e oriundas de países latino-americanos na contemporaneidade.

Verunschik alterna a história de Iñe-e com o relato do cotidiano de Josefa, que trabalha como tradutora, e que tem dificuldades de se reconhecer em seu país como sujeito. Da mesma forma que Wiener, através de Josefa, Verunschik

12 Outro caso similar, mas farto em documentação é o de Jemmy Button, indígena Fuegia levado à Inglaterra depois de ter sido comprado por um botão de madreperola e devolvido a sua tribo na mesma na expedição HMS Beagle, na qual famosamente estava Charles Darwin. Mais tarde, Button e sua família foram considerados suspeitos de um massacre de missionários cristãos na Baía de Wuluaia. Button aparece novamente como testemunha para negar seu envolvimento. Button é um dos personagens do romance *La tierra del fuego* da argentina Sylvia Iparraguirre, de 1998.

13 WIENER, Gabriela. *Huaco retrato*, op. cit., p. 45, grifos meus

14 Aqui tomo o conceito de Silviano Santiago sobre o lugar de enunciação da literatura e da arte latino-americanas em relação ao ocidente. Ver: SANTIAGO, Silviano. *O entre-lugar do discurso latino-americano*. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2a Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

trabalha o lugar não apenas epistêmico dessas mulheres, mas também enquanto corpos atravessados pela experiência da colonização em diversos aspectos, não se limitando apenas ao âmbito científico e acadêmico do que almeja narrar.

A minha bisavó materna foi pega no laço, sabia? Tenho um tanto de sangue kaiapó em mim. Mas o fato é que todo mundo tem uma avó pega a laço no Brasil, eu, você, o porteiro lá embaixo. Eu cresci com a outra avó, mãe do meu pai, que me criou, uma colombiana turrone, que falava dessa minha ascendência sempre que alguma coisa ligada à minha índole lhe parecia maior que a sua capacidade de resolução. Era como se me dissesse que havia em mim uma força rebelde, incapaz de ser domesticada. Quando eu a escutava falar assim, parecia que o meu cabelo negro e liso ganharia vida própria, e era como se eu pudesse ver de fora de mim os meus olhos injetados de raiva e medo.¹⁵

As práticas científicas às quais aludem Verunschik e Wiener foram essenciais para o estabelecimento não apenas dos campos de conhecimento das ciências humanas, como também permaneceram vigentes durante uma boa parte do século XX. Como demonstrado por Mary Louise Pratt, a expansão colonial da Europa não apenas criou uma “consciência planetária”, como também — e aqui a autora apoia-se em Michel Foucault — forjou a própria ideia de saber científico através da descrição do mundo mediante categorias estabelecidas pela racionalidade ocidental. O que começou com um método de classificação de plantas proposto por um naturalista sueco no século XVIII se estendeu depois a outros animais, incluindo aí o ser humano e suas diferentes “raças”.¹⁶

Daí o rosto do imigrante espanhol José Oliveira, mencionado no início deste ensaio, também ter sido escolhido para integrar a coleção de um museu como “espécime” e sua vértebra cervical conservada no acervo para fins de “pesquisa científica” e o que, exatamente, fez com que sua bisneta, Maria Sarra-bayrouse Oliveira, fosse levada a escrever.

¹⁵ VERUNSCHK, Micheliney. O som do rugido da onça. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 100

¹⁶ PRATT, Mary Louise. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação, op. cit., p. 41

Es innegable que la exposición de restos mortales “auténticos” en frascos acomodados en vitrinas impacte, si no de un modo morboso, azuzando la curiosidad del espectador que se encuentra en un lugar cuyo sostén y justificación es la existencia, por detrás de esos tejidos anatómicos, de todo un saber médico-legal y policial. Sin embargo, en este caso, no fueron esos restos humanos descarnados en su visualización — que podrían aparecer como el epítome de la violencia — los que me invitaron a escribir. Por el contrario, las cabezas en los frascos eclipsaban las máscaras mortuorias de los trabajadores y, por lo tanto, esa violencia que ejerce la medicina y las burocracias judiciales y policiales con ciertos cuerpos y poblaciones particulares. En este sentido, no fue lo “morboso” lo más violento ni mi “principio de la búsqueda” [...] sino lo “insípido”, aquello que tapaba las violencias más cotidianas, opacas y repetidas que se ejercían sobre determinados cuerpos.¹⁷

Propostas mais ou menos recentes de compreensão do saber ocidental enquanto construído com base na expansão colonial e na sujeição epistêmica dos indivíduos autóctones de espaços colonizados foram sistematizadas por intelectuais latino-americanos como Aníbal Quijano e Walter D. Mignolo.¹⁸ Por outro lado, o camaronês Achille Mbembe oferece uma leitura de como a subjetividade europeia se constituiu através de sua relação com os negros a partir das experiências da diáspora e da colonização da África e do estabelecimento dessa outridade racial como marcador determinante da escravidão.¹⁹

Ainda que diferindo em certos pontos, essas abordagens têm sido essenciais para se repensar o campo das ciências humanas de modo geral e como ele internalizou formas de se conceber a subjetividade, a construção de saber e conceitos de tempo e espaço em categorias supostamente universais, apesar de, ao menos no Brasil, ter ganhado tração na historiografia apenas mais recentemente.

A violência epistêmica que está no cerne do processo de estabelecimento do que hoje entendemos por conhecimento científico não se restringe, no en-

17 SARRABAYROUSE OLIVEIRA, María José. El Museo de la Morgue Judicial: historias de guardianes, expedientes y apropiaciones, op. cit., p. 2.

18 Ver: QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena*. Vol. 13, n. 29, pp. 11-20, 1992; MIGNOLO, Walter. *The Darker Side of Renaissance*. Ann Arbor: Michigan University Press, 1995

19 MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 Edições, 2018

tanto, ao uso dos corpos colonizados em sua literalidade. A forma de assimilar os novos continentes, inclusive cognitivamente, passou por sua representação em termos literários e historiográficos nos moldes em que esses gêneros vinham se estabelecendo, com lógicas próprias, na Europa e entre as elites coloniais do continente americano. Daí essas viagens serem geralmente acompanhadas da produção de relatos, a começar pelos próprios diários de Cristóvão Colombo publicados na Espanha logo depois de seu retorno em 1493, transcritos por Bartolomé de las Casas. Como demonstra o estudo clássico de Tzvetan Todorov de 1982, a produção de sentido, alteridade e de assimilação das subjetividades não-europeias pelo processo de colonização começou a se dar desde este primeiro momento de contato.²⁰

É dessa ordem de questionamento que partem os romances aqui analisados, já que ambos lidam com a espoliação do continente americano por letrados europeus. A fissura causada na visão de mundo europeia no princípio do que chamamos de modernidade, com sua chegada na América, foi sobretudo temporal. François Hartog, em *Antigos, modernos e selvagens*, explicita como a chegada dos Europeus a esse continente perturbou o binômio temporal de antigos e modernos, antes configurada em termos tão somente de “mais velhos” e “mais jovens” e a partir da alta Idade Média estabelecida com a oposição do presente em relação ao que chamamos Antiguidade clássica.²¹

A chegada dos europeus à América no século XVI impôs que esses termos fossem revistos, com a abertura de uma crise que, pode-se dizer, até hoje não foi resolvida. A linearidade imposta pela filosofia da história na qual a disciplina assentou suas fundações²² no século XIX não dá conta da experiência desses sujeitos e de seu lugar no mundo. Isso se dá porque enxergar os ameríndios significava também inscrevê-los no tempo, segundo Hartog.

Por isso as primeiras medidas de compará-los aos antigos e depois a crianças, ou seja, dotados de um potencial a ser revelado, tanto quanto o “novo” continente. O “nunca visto” deveria ser codificado de alguma forma familiar.

20 TODOROV, Tzvetan. *La conquista de América: el problema del otro*. Trad. de Flora Botton Burlá. 9ª Edição. Madri: Siglo XXI, 1998

21 HARTOG, François. *Antigos, modernos, selvagens*. Trad. Mariana Portella. Rio de Janeiro: FGV, 2021, p. 31

22 Uso aqui o termo fundações propositalmente invocando o texto clássico de Arnaldo Momigliano, cujo título original é *The Classical Foundations of Modern Historiography*, mas traduzido ao português como *Raízes Clássicas da Historiografia Moderna*.

“Como enxergar aquilo que nunca vimos, de que forma fazer ver isso aos leitores?”²³, pergunta o historiador francês a respeito desse momento. Aqui se faz necessário relacionar essa questão com a série de ensaios que Hartog escreveu sobre a questão da evidência da história e como ela se transformou entre os marcos da Antiguidade e o século XXI.²⁴ Esse “fazer ver”, mais tarde, se demonstrará pertinente no que diz respeito à invisibilização desses indivíduos nos arquivos históricos enquanto sujeitos e agentes históricos.

Os esforços de localizar os indígenas na temporalidade tal como concebida até então marcaram não apenas o entendimento da história dos territórios que se tornaram colônias européias e depois Estados-nações independentes a partir do final do século XVIII, mas também a literatura desses países. Como o próprio Hartog ressalta, a história e a literatura — principalmente o romance — forjaram suas economias internas atuais em sincronia e de forma dialógica, e contribuíram para o que ele define em “crença em História”.²⁵

Ou seja, o Novo Mundo não só estava no horizonte dos primeiros romances realistas modernos, como os relatos de Daniel Defoe — na forma do desterro em *Robinson Crusoe* (1719) ou de decesso em *Moll Flanders* (1722) — como também, mesclado aos abundantes relatos de viagens e de experiências de cativo, serviu de elemento “fundacional” das literaturas nacionais na América do século XIX.²⁶ Desde uma concepção de tempo cíclica, porém não menos vinculada à ideia de progresso, as noções de apogeu e decadência das civilizações foram aplicadas a esses povos, e a eliminação de suas características culturais ou mesmo físicas serviu de mote para a transformação do indígena em objeto da literatura. Tal tópica se tornou recorrente principalmente a partir das novelas *René* (1799) e *Atala* (1801) de François-René de Chateaubriand e, mais tarde, na produção letrada do continente americano: nos Estados Unidos com a poesia de Philip Freneau e os romances de James Fenimore Cooper, e no Brasil, com o chamado “indianismo” de Antônio Gonçalves Dias e José de Alencar.

23 HARTOG, François. Antigos, modernos, selvagens, op. cit., p. 41

24 HARTOG, François. Evidência da história: o que os historiadores veem. Trad. João Guilherme Teixeira com colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica, 2011

25 HARTOG, François. Crer em história. Trad. de Camila Dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 127

26 SOMMER, Doris. Ficções de fundação. Os romances nacionais na América Latina. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

Como evidenciado no tratamento que Verunschck e Wiener dão a Iñe-e e ao menino Juan, os dois romances aqui analisados se encontram atravessados pela ideia do indígena, principalmente na infância, enquanto potencial — vidas que não foram —, além de tentar explorar as fissuras que esse terceiro fator causa ao se intrometer na oposição europeia entre Antigos e Modernos.

Admitidamente amparado na noção de perspectivismo ameríndio, de Eduardo Viveiros de Castro, que questiona fundamentalmente a antropologia e sua relação com os sujeitos que estuda, o texto de Verunschck não só faz o movimento de tentar reconstruir a cosmovisão de sua protagonista, como também aborda a expedição científica que marcou a construção do discurso historiográfico brasileiro até hoje a partir de seu ponto de vista.

Carl von Martius, um dos personagens focalizados no romance, foi o vencedor de um prêmio em 1847 do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) de melhor monografia sobre “como se deveria escrever a história do Brasil”. No texto datado de quatro anos antes, como sinaliza Armelle Enders, Martius aplicou a chamada “teoria das raças” em ampla circulação na Europa pós-Revolução Francesa, para a composição dos Estados-nacionais e seus conflitos de ordem interna e externa. Segundo Martius, o Brasil teria como característica fundamental ser um caudal de três raças distintas — a indígena, a negra e a branca — que estariam longe de ocupar posições hierárquicas equivalentes. Usando uma analogia fluvial, segundo o bávaro, o sangue português deveria ser convertido em um poderoso rio de modo a absorver os dois outros afluentes “menores”. Como a própria Enders coloca, essa leitura dos processos históricos não fazia apenas parte da disciplina histórica em formação, mas também do romance emergente neste período, por meio de autores como Walter Scott, na Grã-Bretanha, e Alexandre Herculano, em Portugal.²⁷

Através do texto de Martius e da produção subsequente do IHGB, foram lançadas a bases não apenas das políticas de branqueamento promovidas pelo Império brasileiro ao longo do século XIX, como também a ideia de que negros e indígenas são apenas “afluentes” que contribuem para esse “grande rio” que é certa ideia de Brasil: sua originalidade e sua cultura. Na medida em que os letrados do IHGB adotaram em variados graus a premissa do naturalista bávaro, essas noções passaram a integrar o senso comum do que é “ser brasileiro” e de que negros e indígenas apenas “contribuindo” para essa noção.

27 ENDERS, Armelle. Os vultos da nação. Fábrica de heróis e formação dos brasileiros. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2014, pp 130-131.

Vale dizer que o IHGB foi o lugar cuja produção é até hoje considerada canônica nos campos historiográficos e literários brasileiros, além de ter servido de base para políticas públicas.²⁸

Ao tomar a expedição de Spix e Martius como mote de seu romance, Verunschck, portanto, provoca uma inflexão não apenas na história do Brasil de modo geral, mas também na constituição dos campos literários e historiográficos no país. Seu romance coloca em xeque as bases de como se estabeleceram as instituições científicas no país e a que custo, o que vai ao encontro do questionamento de Viveiros de Castro em *Metafísicas canibais*: “o que deve conceitualmente a antropologia aos povos que estuda?”²⁹

De certa forma, o que o romance de Verunschck evidencia é um questionamento semelhante: o que devem conceitualmente a história e a literatura aos povos que representam?

As mesmas inquietações também estão presentes no romance de Wiener, que acaba se encontrando muito mais nas lacunas presentes na história de sua família — e na história do Peru — do que naquilo que consta nos livros e na documentação. De parente do arqueólogo austro-francês, Gabriela se coloca ela mesma como objeto dessa ciência: “*Mi cara es muy parecida a la de un huaco retrato. Cada vez que me dicen [que tengo cara de peruana] me imagino a Charles moviendo el pincel sobre mis párpados para quitarme el polvo y calcular el año en que fui modelada*”.³⁰

A postura de Wiener em relação ao parente famoso e a como os ameríndios foram tratados de modo geral são mais diretas e pessoais do que as feitas por Verunschck em *O som do rugido da onça*. A narradora/protagonista relata, por exemplo, escrever a Pascal Riviale, biógrafo de Charles Wiener, e um tio historiador, para esclarecer suas dúvidas sobre a real identidade do primeiro Wiener de quem descende sua família. O desencontro de informações — a negativa de Riviale sobre Wiener ter deixado descendência no Peru e a crença de seu tio e seus familiares nessa fábula de origem — lhe faz pensar sobre a natureza da evidência histórica e arqueológica, e dos critérios metodológicos que orientam ambas as medicinas.

28 GUIMARÃES, Manoel Salgado. *Historiografia e nação no Brasil - 1838-1857*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011

29 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais*. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 20.

30 WIENER, Gabriela. *Huaco retrato*, op. cit., p. 60

Ya sabemos adónde van a parar los vestigios que traen información confusa o errónea, los mal catalogados o de origen bastardo o desconocido. Sin contexto arqueológico no hay hallazgo. En 1885 Florentino Ameghino, el naturalista argentino de la teoría autoctonista del hombre americano, escribió que «todo objeto, por raro y curioso que sea, sobre el que no se tengan datos exactos sobre su procedencia y condiciones de yacimiento, no tiene importancia alguna y debe ser eliminado de toda colección formada con verdadero método científico».

Pobres huacos. Qué nazi la ciencia. Los objetos sin contexto de la colección Wiener, por ejemplo, se conservan en los almacenes del museo del quai Branly, figuran en el inventario general pero nadie que visite el museo puede verlos. Se esconden en sus sótanos desde que la arqueología se volvió una ciencia seria, porque afuera hacen demasiado ruido, como el fantasma de una momia, como Juan o mi apellido. ¿Adónde irán a parar las personas sin datos exactos de procedencia, qué fosa común los acoge en vida? ³¹

Essa identificação das protagonistas de ambos os romances com crianças indígenas e, conseqüentemente, com os objetos das ciências humanas serão exploradas a seguir, assim como em que medida, as escritas de ambas as autoras se pretendem exercícios de tentativas de reparação para esses traumas.

A ciência e os navios

*O navio, pois bem, grande canoa da morte. Pessoas, plantas, bichos, macacos, kdiziba, tatus, gooi, tamanduás, e, ainda, os **Desencantados**. Como chamá-los? Iñe-e pudera observar ainda em terra os cientistas em seu trabalho de **desencantamento**. E logo percebera que não se tratava apenas de matar o bicho. Era outra atividade. Primeiro, levavam sua alma para a pele do papel em tão perfeita conformidade que seria possível dizer que o bicho rastejaria, caso fosse cobra, ou voaria, caso*

³¹ WIENER, Gabriela. Huaco retrato, op. cit., pp. 125-126

fosse pássaro, para fora daquele frágil limite. Depois, o desencantamento prosseguia. E morrer era só uma parte muito pequena daquilo tudo. O bicho, o bicho mesmo, em força e sangue, era tornado em nada depois que tudo se dava por encerrado. Morto e destripado, o bicho era limpo, sendo raspada da pele a carne já desprovida de poder, e o corpo esvaziado de tudo o que tinha sido um dia, restando um saco mole e triste, que só depois seria reconstruído com palha ou qualquer tipo de enchimento que servisse, recebendo, pouco a pouco, a antiga forma, e sendo assoprada nele naquela outra cara, aquele outro corpo, aquela boca que, aberta, não mais comeria; que fechada, não mais se abriria: e era daí que surgiria o novo bicho, o outro bicho, muitas vezes inventando um movimento que nunca poderia terminar, endurecido em uma posição, salto ou bote que a partir daquele momento jamais poderia se extinguir.³²

Através da escolha semântica de chamar a taxidermia de “desencantamento”, a narradora do romance de Micheline Verunschik evidencia como nosso vocabulário e visão de mundo estão impregnados pela racialização de sujeitos e desracialização dos brancos, tratando ciência e magia, conhecimento e crença como mutuamente excludentes. Logo depois de chegarem a Munique, Iñe-e perde seu companheiro de viagem, um menino Juri com quem sequer consegue se comunicar. No capítulo IV, quem passa pelo desencantamento é o menino, dissecado em uma aula de anatomia pelos próprios naturalistas bávaros.

Spix aplica o gesso para a máscara mortuária e conduz a criação da réplica de cera. Depois de doze horas de trabalho, entre a necrópsia e a arte, mergulha-se, finalmente, a cabeça em um vidro de formol.

[...]

Iñe-e, que não sabe dos acontecimentos passados entre a retirada do corpo de dentro de casa e a cerimônia em caixão lacrado, sonha que o menino paira sobre a casa com a cabeça em uma das mãos e um relâmpago na outra. Jörg o acompanha. Ambos têm os corpos como feitos de

³² VERUNSCHK, Micheline. O som do rugido da onça, op. cit., p. 12, grifos meus

*água. Dali a alguns dias, inadvertidamente, verá, para seu horror, a cabeça de cera do companheiro no gabinete de Martius.*³³

No que diz respeito à história e, em especial, aos indígenas da Amazônia, essa questão foi recentemente abordada por Guilherme Bianchi, que sintetiza a construção da história como disciplina e modo de apreensão da temporalidade em sua relação com a alteridade³⁴, atendo-se principalmente às partilhas feitas pelo ocidente e que não são reconhecidas pelos ameríndios, sobretudo aquelas entre humanos e os demais animais. Essa particularidade da cosmovisão indígena é urdida no enredo de *O som do rugido da onça*, em seu empreendimento de “emprestar voz” à menina Iñe-e antes de sua captura e venda a Spix e Martius, e sua relação com Tipai uu, a onça ao lado da qual a encontram bebê um dia depois de desaparecer. Tipai uu também é uma das narradoras do romance de Verunschik, refletindo essa mesma lógica no pacto de leitura do romance. O encontro entre Iñe-e e a onça marca a relação da menina com o pai, já que ele percebia que ela, “por haver se ajuntado em pacto com a inimiga, mesmo sem ter de fato ciência do que havia de fato acontecido, era agora inimiga como a onça”.³⁵

Ao fim, Iñe-e é entregue aos brancos pelo próprio pai, da mesma forma que o menino que Charles Wiener leva à Europa é vendido pela própria mãe alcoolizada.

No texto de Wiener, essas partilhas entre humanos e animais, o ocidente e seus outros, fato e ficção, a ciência e o charlatanismo, são mobilizadas a partir do que ser descrito como um relato de filiação. Na economia do texto estão a história pessoal e a reputação de Charles Wiener, a veracidade de seu parentesco com a família de Gabriela, o adultério do pai da autora — que usava um tapa-olho quando estava com a amante —, o suposto sequestro do menino indígena Juan, e a própria trajetória de migrante de Gabriela, com a construção de uma família poliamorosa. Charles Wiener era ele próprio um outro na França: austríaco e judeu, desesperado por ser aceito como um letrado e diplomata, trajetória com a qual a jornalista acaba se identificando a despeito de si mesma.

33 VERUNSCHK, Micheliney. *O som do rugido da onça*, op. cit., pp. 96-97

34 BIANCHI, Guilherme. Arquivo histórico e diferença indígena: repensando os outros da imaginação histórica ocidental. *Revista de Teoria da História*, Vol. 22, n. 2, pp. 264-296, 2019

35 VERUNSCHK, Micheliney. *O som do rugido da onça*, op. cit., p. 18

O relato da escritora peruana, assim como os trechos do romance de Verunschik focalizados no ponto de vista de Josefa, pode ser relacionado à ideia de uma dupla consciência, concebida por W. E. Du Bois em uma das passagens mais famosas de *The Souls of Black Folk*, de 1903:

After the Egyptian and Indian, the Greek and Roman, the Teuton and Mongolian, the Negro is a sort of seventh son, born with a veil, and gifted with second-sight in this American world,—a world which yields him no true self-consciousness, but only lets him see himself through the revelation of the other world. It is a peculiar sensation, this double-consciousness, this sense of always looking at one's self through the eyes of others, of measuring one's soul by the tape of a world that looks on in amused contempt and pity. One ever feels his twoness,—an American, a Negro; two souls, two thoughts, two unreconciled strivings; two warring ideals in one dark body, whose dogged strength alone keeps it from being torn asunder.

The history of the American Negro is the history of this strife,—this longing to attain self-conscious manhood, to merge his double self into a better and truer self.³⁶

Essa noção serve de referência a Paul Gilroy em *The Black Atlantic: modernity and double consciousness*, texto publicado noventa anos depois do livro de Du Bois. Nele, Gilroy lida com as dissonâncias de ser negro e europeu — britânico — e, portanto, herdeiro de uma tradição de pensamento que tem de fundo a distinção racial não apenas em seu aspecto científico, construído ao longo do século XIX, mas também pensada esteticamente para definir o belo, o bom e o verdadeiro, e que acabaram por informar a própria noção de “cultura” na modernidade.³⁷ Em *Huaco retrato*, isso se reflete em episódios em que Gabriela rememora não apenas de sua experiência no Peru como filha de uma família de elite e ainda assim ostentando traços físicos indígenas, mas também na Espanha, onde é alocada a um lugar subalterno, em que seria impossível que ela tivesse outra profissão que não o trabalho doméstico até mesmo pela avó de sua esposa espanhola.

36 DU BOIS, W. E. B. *The Souls of Black Folk*. Edited by Brent Hayes Edwards. Londres: Oxford University Press, 2007, p. 8-9.

37 GILROY, Paul. *The Black Atlantic: modernity and double consciousness*. Londres: Verso, 1993, p. 8.

Apesar de dizer respeito à diáspora africana, a proposição de Gilroy do Atlântico negro, marcada pela concepção dos navios tumbeiros como unidades culturais e políticas onde se articularam muitas das ideias que hoje identificamos com a modernidade, também serve para pensar os trânsitos feitos por ameríndios e seus descendentes. Gilroy concebe os navios como um cronotopo na acepção bakhtiana para se repensar as noções de capitalismo, industrialização e progresso, ideias que balizam a ordem do tempo nos séculos XIX e XX.³⁸ Estendo-o aqui para pensar os romances de Wiener e Verunschik não apenas porque os indígenas da América também foram escravizados e levados de um lado a outro e desterritorializados, mas também porque a partir do contato com as mesmas ideias de liberdade e cidadania que se tornaram acessíveis aos escravizados africanos, eles também as mobilizaram em sua defesa. O filho de Rocío e de Jaime, esposa e esposo de Gabriela Wiener, recebeu o nome de Amaru, uma clara referência aos ideais decoloniais de seus pais.

Esse mesmo amálgama de heranças de conceitos Iluministas e concomitante a se perceber enquanto outro está presente em *O som do rugido da onça*, sobretudo quando as histórias de Josefa e de Iñe-e são unidas pela identificação da jovem paraense com a menina Miranha levada por Spix e Martius. Josefa vai até Munique procurar o túmulo das crianças indígenas da mesma forma que a Gabriela Wiener, a narradora, começa seu relato diante da tumba vazia de uma criança indígena em Paris. Como Wiener, a personagem de Verunschik também é o que a filósofa Rosi Braidotti chamou de “sujeito nômade”, categoria que Ana Casas estende à escritora peruana.³⁹

Informada pelas teorias pós-estruturalistas e sua ênfase na linguagem e por sua própria trajetória de imigrante italiana na Austrália, na mesma época em que Gilroy refletia sobre a tradição dos estudos culturais britânicos e as questões de raça, Braidotti promove um recorte de gênero a essas subjetividades que escapam ao constructo do sujeito universal do século XVIII adotando o nomadismo como “*a political fiction that allows me to think through and move across established categories and levels of experience: blurring boundaries without burning bridges*” e “*a kind of critical consciousness that resists settling into socially coded modes of thought and behavior*”⁴⁰.

38 GILROY, Paul. *The Black Atlantic*, Op. Cit., p. 17

39 CASAS, Ana. *Autoficción y performance: las escenificaciones autoriales de Gabriela Wiener*. *Itinerarios*, n. 36, pp. 9-28, 2022

40 BRAIDOTTI, Rosi. *Nomadic Subjects: embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory*. Nova York: Columbia University Press, 1994, pp. 4-5.

Ambas as proposições, de Gilroy e de Braidotti, partem de experiências europeias: uma de ser um corpo afrodiaspórico naquele continente, e a outra de ser uma europeia na Austrália e estar deslocada pelos matizes da branquitude em espaços coloniais. Não à toa, portanto, também compartilham a noção de enxergar no movimento — seja dos navios, seja de indivíduos — um remédio à fixação de categorias que pouco fazem por subjetividades quando as colocam na situação de objeto, em seu limite, embalsamadas. Aqui mesmo o movimento, a depender na direção em que é feito, encontra seus limites:

Josefa é uma mulher que fugiu. Em todo lugar do mundo, em qualquer tempo, há uma mulher fugindo. Quando uma mulher foge, invariavelmente foge de sua história, de um passado incômodo que se materializa numa relação abusiva, ou de uma vida que se afigura mesquinha ou limitante, ou dos ecos de algum fracasso, ou de uma vida que não soube ou não pôde se reinventar. Josefa não sabe exatamente do que fugiu. Mora há três anos na metrópole e, desde sua chegada, segue operando estratégias de apagamento da própria identidade. Não mantém contato com os amigos e familiares que deixou para trás, se educando com novos gostos, novas experiências, construindo uma desidentidade.⁴¹

Como vemos, o processo de deixar para trás sua dupla consciência revela-se impossível para Josefa, que se vê na imagem de Iñe-e numa exposição em São Paulo: “*Eu sou exatamente igual a ela*”⁴², diz a Tomás, rapaz com quem mantém uma relação afetiva “sem rótulos”. Já, a narradora/personagem Gabriela Wiener, ao contrário de seus familiares se percebe menos como parente de Charles Wiener e sim mais vinculada à criança que ele teria levado à Europa: “*¿Tendría Juan los ojos tan pequeños y ardientes como los míos cuando vio todo esto por primera vez? Es raro, sé que llevo en mis venas la sangre de Charles, no la de Juan, pero es al adoptado a quien siento de mi familia*”.⁴³ Como Josefa, que não consegue, a despeito de si mesma, construir-se enquanto como distinta desse universal, Wiener, quando, de volta à Espanha depois do enterro do pai, procura uma oficina chamada “Descolonizando o desejo”, na qual se envolve com uma imigrante colombiana.

41 VERUNSCHK, Micheliney. O som do rugido da onça, op. cit., p. 87-88

42 VERUNSCHK, Micheliney. O som do rugido da onça, op. cit., p. 100.

43 WIENER, Gabriela. Huaco retrato, op. cit., p. 56

Esse “não estar” de ambas as personagens reflete como os afetos e o desejo sexual, pautado pelos padrões do que é belo, bom e verdadeiro, como aponta Gilroy, foram construídos com base na diferença racial.

“Você é mais bonita e não tem piercings, mas podemos resolver isso, você sabe”⁴⁴, diz Tomás a Josefa, quando ela se compara a Iñe-e. Já Wiener, na oficina “Descolonizando o desejo”, é assaltada pela angústia a respeito de seu casamento com Rocío:

*Quando desaprenda esta fascinação por el colono, ¿seguiré queriendo hacer el amor con ella, compartir con la española mi vida, o tendré que dejarla? ¿Será esta la solución a mis problemas? Si la blanquitud es un régimen político, ¿soy como el negro de Vox? Todo lo que se entiende como bello y feo ha sido generado por ese sistema como axioma. «Lo bello es blanco y tiene alma», dice nuestra gurú mientras explica que un cuerpo no blanco no tiene posibilidades de ser deseado en ese marco, pero tampoco de ser amado, porque el paradigma no solo es estético, es moral y educa nuestro sentido del amor*⁴⁵

Se sujeitos como a ficcional Josefa ou a autoficcional Gabriela não conseguem se enxergar nessa modernidade, como encontrar então aqueles que por ela foram subtraídos de seus lugares como espécime ou então para serem vendidos como escravizados? Essas perguntas, feitas, como já vimos, em ambos os romances, já foram feitas a respeito dos limites que a representação da diáspora encontra na história disciplinada por Saidiya Hartman em dois textos: *Lose Your Mother* (2007) e no ensaio *Venus in Two Acts* (2008).

Preocupada em não recair no que seria admitidamente textos de ficção literária, Hartman propõe a noção de “fabulação crítica”⁴⁶ para imaginar uma existência para as vítimas do tráfico atlântico fora dos registros que evidenciam sua passagem pelo mundo. Aqui novamente, como no relato de María Sarrabayrouse Oliveira, esbarra-se na burocracia, a da escravidão.

44 VERUNSCHK, Micheliney. O som do rugido da onça, op. cit., p. 99

45 WIENER, Gabriela. Huaco retrato, op. cit., p. 119-120

46 HARTMAN, Saidiya. Venus in Two Acts, op. cit., p. 11. Venus in Two Acts é um ensaio em diálogo com um processo-crime que também figura em *Lose Your Mother*, ambos os textos preocupados com os limites da compreensão e da representação da experiência do tráfico Atlântico.

Ao contrário do livro de Hartman, os romances de Verunschik e de Wiener têm suas economias ficcionais despreocupadas com o estatuto disciplinar e não se postulam em diálogo direto com a historiografia, mas sim com a História com h maiúsculo. Ainda assim os três textos têm intersecções. No caso de Wiener, as lacunas documentais que perturbam Hartman em *Lose Your Mother*, também frustram a narradora/protagonista Gabriela Wiener, ao investigar a história de sua família.

Para além das parcas linhas sobre o menino Juan, quando segue o rastro de seu primeiro antepassado registrado no Peru com esse sobrenome, Wiener encontra uma María Rodríguez cujo filho, Carlos Manuel Wiener seria filho de um Manuel Wiener e não de alguém chamado Charles ou Karl.⁴⁷ A respeito de Rodríguez, Wiener tampouco tem informações:

En la familia no hay una sola foto de María Rodríguez. Nunca sabremos cómo era su cara. A la mujer que inicia la estirpe de los Wiener en el Perú, la que llevó un embarazo solitario y amamantó a un semihuérfano, a ella se la ha tragado la tierra. Así como se pierden durante años bajo la arena los rastros de un mundo anterior. Reunir esos materiales dispersos por una geografía, salvar aquello que no ha carcomido el tiempo para tratar de ++reconstruir una imagen fugaz del pasado es una ciencia. Huaquear, en cambio, es abrir, penetrar, extraer, robar, fugar, olvidar. En esa brecha, sin embargo, algo quedó dentro de ella, se implantó, germinó fuera del árbol.⁴⁸

Huaco retrato, então, explora uma espiral de fabulações sobre o passado, incluindo o de Charles Wiener que, como a Josefa de Verunschik tentou fugir, apagar suas origens judaicas de modo a pertencer à sociedade francesa e, ao colocar-se como arqueólogo e explorador, teria se apropriado do trabalho de outros exploradores e fotógrafos. A autora também explora as fabulações dos Wiener peruanos que criaram esse parentesco a partir de um registro dúbio de batismo, e as de seu pai, que mantinha duas famílias, além de sua própria ficção quando escreve autoficção e se inventa e reinventa enquanto mulher peruana imigrante, mãe e membro de um casamento a três.

47 WIENER, Gabriela. *Huaco retrato*, op. cit., p. 102

48 WIENER, Gabriela. *Huaco retrato*, op. cit., p. 57

No caso de Verunschik, o procedimento se assemelha ao ensaio de Hartman em sua busca de dar vida à uma das vítimas do capitão de um navio tumbreiro julgado pelo assassinato de duas meninas escravizadas.

I decided not to write about Venus for reasons different from those I attributed to him. Instead I feared what I might invent, and it would have been a romance.

If I could have conjured up more than a name in an indictment, if I could have imagined Venus speaking in her own voice, if I could have detailed the small memories banished from the ledger, then it might have been possible for me to represent the friendship that could have blossomed between two frightened and lonely girls. Shipmates. Then Venus could have beheld her dying friend, whispered comfort in her ear, rocked her with promises, soothed her with “soon, soon” and wished for her a good return.⁴⁹

O segundo capítulo de *O som do rugido da onça* se propõe a fazer exatamente o que Hartman não quis fazer. A partir do nome, dos relatos de Spix e Martius e de gravuras, a narradora decide

[emprestar] *para Iñe-e essa voz e essa língua, e mesmo essas letras, todas muito bem-arrumadas, dispostas umas atrás das outras, como um colar de formigas pelo chão, porque agora esse é o único meio disponível. O mais eficiente.*

[...] *Essa é a voz do morto, na língua do morto, nas letras do morto. Tudo eivado de imperfeição, é verdade, mas o que posso fazer senão contar, entre as rachaduras, esta história? Feito planta que rompe a*

49 HARTMAN, Saidiya. *Venus in Two Acts*, op. cit., p. 8

dureza do tijolo, suas raízes caminhando pelo escuro, a força de suas folhas impondo nova paisagem, esta história procura o sol.

*Quando Iñe-e morreu ela estava com doze anos de idade. Então essa é a voz da menina morta*⁵⁰

Emprestar ao invés de *dar voz* ao outro é o termo empregado por Verunschik, uma preocupação que norteia a literatura moderna desde sua concepção como forma de se assimilar o mundo. Nas obras de Walter Scott, em especial *Waverley* (1814), — consideradas por Geörgy Lukács como basilares para o chamado “romance histórico”⁵¹ — que buscavam retratar os *highlanders* do norte da Escócia, tão racializados quanto os indígenas, a questão da língua e da voz aparece não apenas no uso da escrita fonética da fala inglesa desses personagens, em seu dialeto, mas também na ausência do gaélico, apenas referenciado como sons incompreensíveis⁵². Ou seja, de certa forma, dentro daquilo que chamamos Europa, essas clivagens e limites também estão presentes, dentro daí da categoria de branquitude.

No que diz respeito à América Latina, Josefina Ludmer, no prólogo de seu *El género gauchesco*, afirma ter imaginado um livro sobre os usos da voz e do corpo do outro no continente, com o título de *Gauchos, indios y negros: alianzas de voces en las culturas latinoamericanas*, mas desiste quando se dá conta de que “*lo que había imaginado ya estaba todo dicho, todo escrito, y que nunca escribiría ese libro*”.⁵³

No caso dos romances analisados, contudo, o empréstimo da voz e a ficção têm outros sentidos, relacionados aos significados atribuídos à história nas duas narrativas que refletem os debates em torno de eventos históricos traumáticos e políticas de reconhecimento e reparação. Tais noções implicam necessariamente em se perceber a temporalidade da disciplina histórica en-

50 VERUNSCHK, Micheliney. O som do rugido da onça, op. cit., p. 15

51 LUKÁCS, Geörgy. O romance histórico. [1955] São Paulo: Boitempo, 2011.

52 SCOTT, Walter. *Waverley, or 'tis sixty years since*. Edited by Claire Lamont. Oxford: Oxford University Press, 2008

53 LUDMER, Josefina. *El género gauchesco. Un tratado sobre la patria*. 2a. Ed. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2011, p. 17

quanto uma questão política, como postulado por Mario Rufer, principalmente no que tange à reformulação do Estado-nacional tal como estabelecido no século XIX para abarcar “novas vozes” e assim se constituir a partir da ideia de “nação multicultural”⁵⁴ na contemporaneidade. Como as obras de Verunschik e de Wiener deixam evidente, a primazia da evidência sobre a experiência como elemento ordenador da narrativa historiográfica abre dilemas e questões para a inclusão desses sujeitos na história nacional e, consequentemente, na nação propriamente dita. Recentemente, Maria da Glória da Oliveira sistematizou a problemática da reparação e do reconhecimento outrora tornados objetos ou alijados da historiografia, apontando para o potencial adiamento não apenas da abertura da disciplina e das possibilidades de reparação, ou seja, um adiamento do próprio tempo decolonial⁵⁵, a despeito das clivagens feitas por narrativas como as de Wiener e Verunschik.

Ao final de seu ensaio sobre encontrar a máscara mortuária de seu bisavô em um museu, María José Sarrabayrouse Oliveira igualmente se depara com as falhas, com as imperfeições de sabermos o que de fato ocorreu. Isto é, também reflete a respeito de como e em que voz narrar o ocorrido, no que diz respeito àquela morte em específico. Por um lado, há o expediente de entrada do cadáver no necrotério, por outro, há as versões não apenas do acidente, mas também da própria vida de seu bisavô fabuladas por sua avó e tias. “*Se necesita entretener, y contrastar estos distintos relatos para reconstruir la historia de esa muerte y de ese cuerpo y comprender las lógicas de funcionamiento de las burocracias —policiales, judiciales, médicas y administrativas— que la capturaron*”⁵⁶, afirma, à guisa de conclusão.

Por um lado, ainda a crença numa restituição possível do passado. Por outro, a evidência que mesmo quando muito próximas de nós, certas histórias e certos corpos continuam opacos, invisíveis ainda que em um vidro de formol.

Considerações Finais

Busquei, com este ensaio, trazer algumas reflexões sobre os significados que a história adquire em dois romances que abordam o genocídio ameríndio. Publicados nos últimos anos, ambos refletem os efeitos de uma interpretação

54 RUFER, Mario. La temporalidad como política: nación, formas de pasado y perspectiva poscoloniales, op. cit., p. 8.

55 OLIVEIRA, Maria da Gloria. Quando será o decolonial? Colonialidade, reparação histórica e politização do tempo. Caminhos da História, v. 27, n. 2, pp. 58-78, 2022

56 SARRABAYROUSE OLIVEIRA, María José. El Museo de la Morgue Judicial: historias de guardianes, expedientes y apropiaciones, op. cit., p. 11.

do passado informada pelas teorias pós e decoloniais e suas implicações para a ideia de história nacional e para o regime de evidência que a sustenta.

Dentro dessa perspectiva, a memória e também até certo ponto a história disciplinada passam a ser entendidas como formas de reconhecimento das violências cometidas em espaços coloniais e, portanto, de necessidades de reparação. Ao tratarem das histórias de duas crianças indígenas mencionadas em relatos e diários de viajantes europeus no século XIX, através da ficção, há um intento de se alcançar uma reescrita do passado nesse sentido.

Aqui há a confluência da ideia da infância como imagem de uma vida em potencial abortada, tanto pela ausência de informações como pela morte em si mesma, com as ideias acerca dos indígenas e seu lugar na temporalidade, isto é, no que os europeus codificaram como sendo o processo civilizacional objeto da ciência histórica. Ao tratar dessas lacunas documentais e de modos de expressão e concepção do tempo, ambos os romances, a meu ver, evidenciam as dificuldades de se codificar o lugar dessas subjetividades nas histórias nacionais escritas dentro dos marcos disciplinares estabelecidos no século XIX e reformulados, não sem tensões com a própria etnografia a esse respeito, no século XX.

Com esse ensaio, espero ter contribuído para a compreensão de como a história é atualmente significada fora de seus lugares institucionais tradicionais de enunciação, em um processo marcado por demandas de diferentes grupos sociais, que muitas vezes entra em choque com os silêncios dos arquivos, as subjetividades dos relatos e a própria ideia de evidência.

Referências Bibliográficas

BEVERNAGE, Berber. 'A passeidade do Passado' Reflexões sobre a política da historicização e a crise da passeidade historicista. *Revista de Teoria da História*. v. 24, n. 1, pp. 21-39, 2021

BIANCHI, Guilherme. Arquivo histórico e diferença indígena: repensando os outros da imaginação histórica ocidental. *Revista de Teoria da História*, Vol. 22, n. 2, pp. 264-296, 2019

BRAIDOTTI, Rosi. *Nomadic Subjects: embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory*. Nova York: Columbia University Press, 1994.

- CASAS, Ana. Autoficção y performance: las escenificaciones autoriales de Gabriela Wiener. *Itinerarios*, n. 36, pp. 9-28, 2022
- DU BOIS, W. E. B. *The Souls of Black Folk*. Edited by Brent Hayes Edwards. Londres: Oxford University Press, 2007
- ENDERS, Armelle. *Os vultos da nação*. Fábrica de heróis e formação dos brasileiros. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2014
- GILROY, Paul. *The Black Atlantic: modernity and double consciousness*. Londres: Verso, 1993
- GUIMARÃES, Manoel Salgado. *Historiografia e nação no Brasil - 1838-1857*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011
- HARTMAN, Saidiya. Venus in Two Acts. *Small Axe*, Vol. 12, n. 2, pp. 1-14, 2008
- HARTOG, François. *Antigos, modernos, selvagens*. Trad. Mariana Portella. Rio de Janeiro: FGV, 2021
- HARTOG, François. *Crer em história*. Trad. de Camila Dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2017
- HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011
- KOSELLECK, Reinhart. A configuração do moderno conceito de história. In: KOSELLECK, et. al. *O conceito de história*. Trad. René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, pp. 119-222.
- LUDMER, Josefina. *El género gauchesco. Un tratado sobre la patria*. 2a. Ed. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2011
- LUKÁCS, Geörgy. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 Edições, 2018
- MIGNOLO, Walter. *The Darker Side of Renaissance*. Ann Arbor: Michigan University Press, 1995
- OLIVEIRA, Maria da Gloria. Quando será o decolonial? Colonialidade, reparação histórica e politização do tempo. *Caminhos da História*, v. 27, n. 2, pp. 58-78, 2022

- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. Jézio Hernani Bomfim Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena*. Vol. 13, n. 29, pp. 11-20, 1992
- RUFER, Mario. La temporalidad como política: nación, formas de pasado y perspectiva poscoloniales. *Memoria y Sociedad*, v. 14, n. 28, pp. 11-31, 2014
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2a Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SARRABAYROUSE OLIVEIRA, María José. El Museo de la Morgue Judicial: historias de guardianes, expedientes y apropiaciones. *Corpus* (online), Vol. 10, n. 1, 2020
- SCOTT, Walter. *Waverley, or 'tis sixty years since*. Edited by Claire Lamont. Oxford: Oxford University Press, 2008
- TELLO WEISS, Mariana. Huellas y espejos. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/interior/archivo-general-de-la-nacion/bicentenario/inspiraciones/huellas-espejos>
- TODOROV, Tzvetan. *La conquista de América: el problema del otro*. Trad. de Flora Botton Burlá. 9ª Edição. Madri: Siglo XXI, 1998
- VERUNSCHK, Micheliny. *O som do rugido da onça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais*. São Paulo: Cosac Naify, 2015
- WIENER, Gabriela. *Huaco retrato*. Buenos Aires: Random House, 2022

Recebido em 27 de fevereiro de 2024
Aprovado em 4 de abril de 2024